

O 50º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE EUCLIDES DA CUNHA

Uma grande honra me foi proporcionada pelo meu eminente amigo Dr. Faris Michael, digno e competente Presidente do Centro Cultural "Euclides da Cunha", sem dúvida alguma, um dos baluartes da cultura da Princesa dos Campos, ao conceder-me o privilégio de vos dirigir a palavra através das ondas sonoras desta Emissora, nesta data.

É que hoje, 15 de Agosto, comemoramos o cinquentenário da morte de nosso patrono. Nesta data, em 1909, desaparecia o grande cultor das letras pátrias, o grande amante da terra do Brasil, — EUCLIDES DA CUNHA. Não vou traçar sua biografia, nem criticar-lhe as obras, pois tudo isso muitos o têm feito, com muita proficiência.

Mas, prestando-lhe merecida homenagem, não poderei deixar de dizer algo sobre a grande tarefa que se impôs, quando tomou a defesa do caboclo brasileiro, especialmente na redenção do "nordestino".

Nunca poderei esquecer de, quando pela primeira vez, ainda criança, manuseei a grande obra de Euclides da Cunha — "Os Sertões" —; fiz a leitura em voz alta para que meu saudoso pai a ouvisse. Meu falecido pai fora um dos veteranos da "Guerra dos Canudos"; naquele tempo, em fins de 1896, ele servia como músico do antigo Trinta e Nove Batalhão de Infantaria, sediado na capital de nosso Estado, e um dos componentes da Expedição do General Artur Oscar, a última dirigida contra o arraial de Antônio Conselheiro.

Quando eu fazia a leitura das vívidas descrições dos sertões da Bahia, das cenas que se desenrolaram em Canudos, especialmente durante a última expedição, ouvi, muitas vezes, a exclamação de meu pai: "Esse homem esteve lá!"

Sim, meus amigos, Euclides da Cunha esteve lá. Tudo o que ele escreveu sobre Canudos, sobre a terra e a gente do sertão, corresponde à mais estrita verdade. Ele escreveu com pleno conhecimento de causa.

Mas, de que modo Euclides da Cunha conseguiu tantos dados, para escrever a obra monumental que é "Os Sertões"? Nesta hora não poderei excusar-me de dizer alguma coisa sobre sua vida.

Depois de uma infância triste, orfão dos carinhos maternos; depois de um curso brilhante na Escola Militar, de onde foi, certa vez, excluído por indisciplina, por haver abraçado os ideais republicanos; depois de, com o advento da República, haver reingressado no Exército, onde chegou ao posto de Primeiro Tenente, reformando-se como Capitão, por ter julgado a vida militar incompatível com suas opiniões, dedicou-se aos trabalhos de engenharia civil, escrevendo, em suas horas de folga, várias séries de artigos para o "Estado de São Paulo".

Neste momento de minha despretençiosa palestra, torna-se necessária uma digressão. Sem que se conheçam certos fatos, não se poderá compreender o seguimento da mesma palestra.

Ao norte do Estado da Bahia, no atual município de Euclides da Cunha, existe uma pequena vila denominada Canudos, em a qual, desde o ano de 1885, haviam começado a congregar-se numerosos ja-

gunços, que agiam sob a inspiração de Antônio Vicente Mendes Maciel, que havia sido cognominado — Antônio Conselheiro.

Logo, esse conglomerado humano foi assumindo as proporções do fanatismo, que se traduzia em desacatos à autoridade constituída. O governo do Estado da Bahia julgou-se impotente para destruir o reduto. Tornou-se necessária a ida de tropas federais para a região. Quatro expedições sucederam-se. Três delas foram completamente destroçadas, chegando a morrer até o comandante da terceira, o Coronel Moreira César. A quarta expedição foi comandada pelo General Artur Oscar, e tinha um efetivo de sete mil homens, o que, para a época, e dadas as dificuldades de locomoção, era um efetivo respeitável. Somente desse modo conseguiu o governo federal tomar e destruir o arraial de Canudos, em Outubro de 1897, fazendo com que a paz retornasse àquelas longínquas paragens de nossa Pátria.

Justamente neste ano de 1897, o grande jornalista Júlio Mesquita, já então diretor do "O Estado de São Paulo", resolveu enviar um observador, um correspondente de guerra, ao teatro das operações, a fim de melhor poder informar seus leitores sobre o que ali acontecesse. E, o escolhido foi Euclides da Cunha.

Da Bahia, Euclides enviou regularmente sua correspondência para o jornal,

trazendo os leitores do mesmo ao par do que acontecia e em sobressaltados pelo destino de nossos patrícios na Bahia.

De volta do norte, continuou Euclides em seus trabalhos de engenharia civil, no Estado de São Paulo.

Encarregado da reconstrução de uma ponte de ferro, em São José do Rio Pardo, permaneceu três anos naquela pacata cidade onde, em um pitoresco recanto à margem do rio em que se estava construindo a ponte, dedicou-se a rever suas notas e, escrever o livro que deveria immortalizá-lo — "Os Sertões" — ao qual me referi no começo de minha palestra.

Não foi essa a única de suas obras. Na parte literária, pode-se encontrar "Contrastes e Confrontos", "Perú versus Bolívia", "Martim Garcia", "Castro Alves e o seu tempo", e "A Margem da História"; sabe-se que Euclides da Cunha foi um competente jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e Instituto Histórico e Geográfico.

Porém, sua obra — "Os Sertões" — colocou-o, realmente, entre os imortais.

Não se limitou na mesma a historiar a "Guerra dos Canudos". Invadiu o terreno da Geografia Física, ao descrever, com muita precisão, o terreno em que se desenrolaram as grandes batalhas; da Botânica, as raquíticas espécies vegetais dos desertos do norte da Bahia. Em seu capítulo "A Terra", podemos sentir a

(Continua em outro local)